

O CLASSIFICADO DE JORNAL COMO FONTE DE PESQUISA:

contribuição teórico-metodológica da Lingüística à História da Educação.

Maria de Lurdes Almeida e Silva Lucena

Mestre em Lingüística pela Unicamp

Professora do Centro Universitário do Triângulo

lurdeslucena@centershop.com.br

Carlos Lucena

Doutor em Filosofia e História da Educação pela Unicamp

Professor Adjunto da Universidade Federal de Uberlândia

carloslucena@centershop.com.br

Resumo.

Este artigo propõe-se a discutir a importância das contribuições teórico-metodológicas da Lingüística, principalmente através das concepções de Bakhtin e Todorov, para a pesquisa na área de História da Educação. Ao utilizar como fontes de estudo alguns classificados de jornal sobre a educação e a escravidão do final do século XIX, alerta aos pesquisadores alguns cuidados que devem ser tomados, evitando inviabilizar sua potencialidade enquanto instrumento investigativo.

Palavras-chave: História da Educação – Classificados de Jornal – Gêneros do Discurso – Lingüística – Imprensa.

O trato com fontes primárias e secundárias na área de História da Educação constitui-se em um grande desafio aos pesquisadores. Sua análise deve ter cuidados específicos sob risco de inviabilizar os resultados obtidos em uma pesquisa. Tomamos como ponto de partida que o rigor apresentado no trato das fontes pode obter interlocução com outras áreas do conhecimento que possuem discussão acumulada sobre o tema em questão. Entre essas áreas, estão os estudos na área da Lingüística, principalmente, as contribuições de Bakhtin e Todorov. Este artigo tem como objetivo discutir questões teórico-metodológicas da área da Lingüística que são fundamentais para historiadores da educação que trabalham com classificados de jornais como fontes de pesquisa.

1. A linguagem e a ideologia.

A linguagem é uma expressão humana. Sua análise implica em verificar os diferentes projetos de sociedade que a mesma manifesta. A linguagem manifesta diferentes projetos ideológicos de mundo. É através deles que os homens expressam as suas diferentes visões de mundo. Pela linguagem, os homens, inspirados pelas forças produtivas e suas contradições, existentes num mundo real, expressam-se uns aos outros.

A Linguagem é tão velha como a consciência - a linguagem é a consciência real prática que existe também para outros homens e que, portanto, só assim existe para mim, e a linguagem só nasce, como a consciência, da necessidade de carência física do intercâmbio dos homens. Onde existe uma relação ela existe para mim, o animal com nada se ((relaciona)), nem sequer se relaciona. (Marx e Engels, 1984: 34)

Marx e Engels (1984), afirmam que cada classe que se

(...) coloca no lugar da outra que dominou antes dela, é obrigada, apenas para realizar o seu propósito, a apresentar o seu interesse como comunitário de todos os membros da sociedade, ou seja, na expressão ideal: a dar às suas idéias a forma de universalidade, a apresentá-las como as únicas nacionais e universalmente válidas. (Marx e Engels, 1984: 58)

As relações de produção são fundamentais para explicar as idéias de um determinado período. O trabalho discursivo de suas formulações expõe-se nos diferentes gêneros discursivos e os jornais acabam sendo uma de suas expressões. Se partirmos do pressuposto, conforme afirmam Marx e Engels, de que as idéias das classes dominantes são, em todas as épocas, as idéias dominantes da classe que detém o poder material da sociedade, a sua relação com o modo produtivo torna-se fundamental. Compreender as relações de produção presentes na história nos dá subsídios para verificar não só a sua afirmação - as classes que a defendem - bem como a sua negação - as classes antagônicas - que manifestam projetos de mundo através da cultura.

Ora, se na concepção do curso da História desligarmos as idéias da classe dominante, se lhes atribuirmos uma existência autônoma, se nos ficarmos por que numa época dominaram estas e aquelas idéias, sem nos preocuparmos com as condições de produção e com os produtores destas idéias, se, portanto, deixarmos de fora os indivíduos e as condições de mundo que estão na base das idéias, então poderemos dizer, por exemplo, que durante o tempo que dominou a aristocracia dominaram os conceitos de honra, lealdade, etc., durante o domínio da burguesia os conceitos de liberdade, igualdade etc. Em média, é isto que a própria classe dominante imagina.” (Marx e Engels, 1984: 58)

Engels (1972), na Dialética da Natureza, defende a historicidade da linguagem, afirmando que esta se consolidou quando um homem passou a ter o que dizer a outro.

A necessidade criou, para isso, um órgão apropriado: a tosca laringe do macaco transformou-se lentamente, mas num sentido definido, adquirindo modulações cada vez mais diferenciadas; e os órgãos da boca foram aprendendo gradualmente a pronunciar uma palavra após a outra. (Engels, 1972: 218)

A fala, afirma Engels, é uma das ferramentas que com a ajuda do trabalho, serve para distinguir os homens dos animais. A linguagem é fruto da necessidade de mediação com a natureza. Assim, primeiramente o trabalho e, como consequência dele a palavra, foram os dois principais estímulos para a configuração do homem.

Para Bakhtin (1988), a fala é o motor das transformações lingüísticas. Ela é a arena onde se confrontam valores sociais contraditórios. A interação verbal, por sua vez, é inseparável de outras formas de comunicação, implicando em conflitos, relações de dominação e de resistência. Todo signo é ideológico, reflexo das estruturas sociais. Tomando como referência o conceito de ideologia em Marx, Bakhtin afirma que o signo e a situação social estão intimamente ligados, de modo que a palavra passa a ter um significado especial, pois se torna um sólido indicador de mudanças sociais. A língua é expressão das relações e das lutas sociais, transformando e sendo transformada por esse conflito, servindo de instrumento e de material.

Bakhtin (1988) defende a natureza social e não individual da fala. A fala é algo sempre ligado às condições de comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. É através dela que se materializam os valores sociais contraditórios. Para Bakhtin, os conflitos da língua não são neutros ou naturais, mas é o palco do conflito de classe.

A comunicação verbal, inseparável de outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar o seu poder etc. Na medida que às diferenças de classe correspondem diferenças de registro ou mesmo de sistema (assim a língua é sagrada para os padres, o terrorismo verbal da classe culta etc.), esta relação fica ainda mais evidente; mas Bakhtin se interessa, primeiramente, pelos conflitos no interior de um mesmo sistema. Todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua. (Yaguello APUD Bakhtin, 1988: 14)

Marx e Engels (1984) afirmam que os homens,

(...) são os produtores de suas representações, idéias, etc., mas os homens reais, os homens que realizam (*die wirklichen, wir kenden Menschen*), tais como se encontram condicionados por um determinado desenvolvimento das forças produtivas e do intercâmbio que a estas corresponde até as suas formações mais avançadas. (Marx e Engels, 1984: 22)

Marx e Engels realizam uma longa discussão sobre a questão da ideologia, principalmente em “A Ideologia Alemã”. O objetivo principal da obra era elaborar uma

teoria da revolução e estabelecer o sujeito do processo revolucionário por eles identificado como o proletariado. Ao abordarem a ideologia, tomam-na como falsa consciência, ou seja, que os homens não compreendem as forças que estão presentes no processo de vida. Ao mesmo tempo, afirmam que os homens são os sujeitos da história, uma história que não ocorre somente no universo das idéias, mas sim vinculada com o mundo real.

Em complexa oposição à filosofia alemã, a qual desce do céu à terra, aqui sobe-se da terra ao céu. Isto é, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e também não dos homens narrados, pensados, imaginados, representados, para daí se chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos, e com base no seu processo real de vida apresenta-se também o desenvolvimento de reflexos (Reflexe) e ecos ideológicos deste processo de vida. Também as fantasmagorias no cérebro dos homens são sublimados do seu processo de vida material, empiricamente constatável e ligado a premissas materiais. (...) não têm história, não têm desenvolvimento, são os homens que desenvolvem a sua produção material que, ao mudarem esta sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência. (Marx e Engels, 1984: 23)

2. Os classificados de jornais enquanto gêneros discursivos.

Nossas falas se dão dentro de gêneros discursivos, por isso, todos os enunciados possuem uma forma padrão e uma estruturação do todo. Logo, aprender a falar é aprender a estruturar enunciados. Para Bakhtin, a comunicação verbal seria quase impossível se não houvesse os gêneros do discurso ou se não fosse possível dominá-los. Isto porque os gêneros são dados ao indivíduo falante e não criados por ele, tendo, portanto, um valor normativo. Nos gêneros de discurso expressam-se as relações existentes entre os homens. Quanto mais complexas são estas relações, mais complexos são os gêneros discursivos, já que são os frutos de diferentes atividades na sociedade, expressando também os modos específicos de fala já que no interior do gênero discursivo abriga-se o estilo do locutor. Se os homens são históricos, os gêneros do discurso também o são.

Como processo histórico, a língua se transforma e é transformada pela dinâmica da sociedade. As formas como se consolida também entram em discussão. Como lugar de veiculação de discursos, os jornais são um rico campo para verificar mudanças através do tempo. Como gênero de discurso, o classificado de jornal é um exemplo de gênero que emerge do interior da publicidade e se transforma em espaço sucinto de anúncio de interesses humanos que revelam as relações sociais históricas postas pela

humanidade. Os discursos então proferidos, na forma deste gênero, mostram a materialização da subjugação de um homem sobre o outro, de seres humanos compreendidos como autênticas mercadorias. Considerem o exemplo a seguir:

(01)

ESCRAVO FUGIDO|| Fugio no dia 30 de Junho próximo passado o escravo de nome Anacleto; creoulo, representando a idade de 30 a 35 annos, com os seguintes signaes: altura mediana, côr fûla, corpo delgado, rosto comprido e um pouco entortado, boca regular e falta de 2 ou 3 dentes da parte de cima, um signal de cada lado das maçans do rosto, cabello cortado rente; a entrada da testa do lado esquerdo é maior do que a do lado direito, falla manso mostrando humildade. Sabe lêr e escrever e costuma inculcar-se forro e voluntario da patria. Levou vestido paletot e calça de casimira preta com pouco uso e uma trouxa de roupa com calças e paletots brancos. Usa tambem de bigode e barba rapada. Quem o prender e trazer em Campinas e pozer na Cadêa receberá de gratificação 100\$000 do *senhor* Joaquim Candido Thevenar.

Gazeta de Campinas, 17 de julho de 1870

Tendo em vista a importância da tipologia de discurso em nosso trabalho, torna-se necessário diferenciar os dois termos: Discurso e Texto. Para Orlandi (1988) o conceito de discurso deve ser entendido enquanto conceito teórico que corresponde a uma prática: efeito de sentidos entre locutores. O texto pode ter qualquer extensão: desde uma simples palavra até um conjunto de frases. O que o define não é sua extensão, mas o fato de que ele é uma unidade de significação em relação à situação. No entender de Fiorin (1988) o discurso faz parte do plano de conteúdo e o texto é a junção do plano de conteúdo com o plano de expressão. No texto, o locutor ordena os recursos da expressão e por esta ordenação específica transmite o discurso.

De acordo com Todorov (1980), os gêneros vêm de outros gêneros. O surgimento de um novo gênero ocorre a partir da transformação de um ou mais gêneros antigos, seja por inversão, deslocamento ou por combinação. Todorov (1980) aprofunda seus estudos analisando as frases, vistas como entidade de língua e de linguagem. Um discurso não é feito apenas de frases, mas sim, de frases enunciadas. Esta enunciação inclui um locutor que enuncia, um alocutário a quem ele se dirige, um tempo e um lugar, um discurso que precede e que se segue. Ao mesmo tempo, as frases não são neutras, pois possuem um significado ideológico. Este significado varia entre uma sociedade e outra, de acordo com os graus de codificação que são empregados. Um discurso além de ser a

representação de um gênero, é construído por frases enunciadas, cuja interpretação é determinada não só pelo conjunto de frases que se enuncia, mas também pela sua própria enunciação. Por isso é interessante pensar o classificado como gênero, que se originou do anúncio, que por sua vez originou-se do aviso, que resultou do recado. No século XIX havia o anúncio e no desenrolar do século XX materializou-se a publicidade e a propaganda, feitas por uma agência de publicidade.

Todorov (1980) conceitua o gênero de discurso como uma codificação de propriedades discursivas e classifica-os de acordo com as diferentes seleções que fazem as instituições.

(...) os gêneros são unidades que podemos descrever sob dois pontos de vista diferentes, o da observação empírica e o da análise abstrata. Numa sociedade, institucionaliza-se a recorrência de certas propriedades discursivas, e os textos individuais são produzidos e percebidos em relação à norma que esta codificação constitui. (Todorov, 1980: 48)

Uma instituição social pode ser caracterizada também pelos atos de fala que seleciona. Por isso, alguns gêneros continuam aparecendo numa sociedade e não em outra. O leitor pode ter, em alguns, papel explícito através de sua representação no próprio texto.

De acordo com Bakhtin (1992) os gêneros de discurso possuem uma riqueza e variedade que são infinitas,

(...) pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (Bakhtin, 1992: 279)

Os gêneros de discurso são repletos de implicações e sutilezas. Como uma forma de manifestação humana, eles não podem ser compreendidos de forma neutra, pois são inerentes às relações humanas. De acordo com Brandão (1991) a linguagem enquanto discurso é interação e um modo de produção social, não sendo neutra nem natural, pois é através dela que se manifestam as diferentes concepções de mundo. É através da mesma que o conflito se materializa, não podendo ser compreendida como algo separado da sociedade.

Assim, os classificados de jornal, do final do século XIX, que enunciavam aspectos relativos à educação, à escravidão, entre outros, demonstravam parte da organização social da época. Uma abordagem destes classificados numa perspectiva

histórica e social revela as relações sociais deste período da história. Também as crises e confrontos nestas relações se manifestam num jornal.

No que diz respeito aos leitores deste período histórico devemos nos lembrar de que os mesmos pertenciam à aristocracia rural e que o índice de analfabetismo no Brasil era muito alto, cerca de 85% da população. Podemos observar esses dados de analfabetismo no quadro abaixo:

Índices de analfabetismo da população brasileira para pessoas de todas as idades.¹

Especificação	1890	1900	1920
Total	14.333.915	17.388.434	30.635.605
Sabem ler e escrever	2.120.559	4.448.681	7.493.357
Não sabem ler e escrever	12.213.356	12.939.753	23.142.248
% de analfabetos	85	75	75

Conseqüentemente, a maioria dos jornais direcionava seu conteúdo de acordo com o interesse desta aristocracia. Por isso que podemos encontrar no mesmo jornal anúncios tão distintos como a fuga ou venda de escravos e a prestação de serviços de um professor, conforme os exemplos a seguir:

(02)

Professor! Um individuo que se acha legalmente habilitado para professor deseja empregar-se em alguma fazenda para leccionar primeiras letras, grammatica nacional, latim, francez, geographia e arithmetica etc. Quem pretender dirija-se a casa de Candido Borges, que se dirá com quem deve tratar.

Gazeta de Campinas, 22 de setembro de 1870

(03)

Fugiu a Bernardo Teixeira Pinheiro um escravo de nome Ignacio, cõr avermelhada, 15 a 16 annos de idade, baixo, cheio de corpo, mão redonda, queimado cal por andar no officio de pedreiro com o mestre João Caetano. O annunciante gratifica a quem o prender e lh'o entregar ou pozer na cadêa desta cidade, com a quantia de 80\$000 e pretesta com o rigor da lei contra quem acoutar em sua casa. Bernardo Teixeira Pinheiro

Gazeta de Campinas, 30 de outubro de 1870

¹ Fonte: Instituto Nacional de Estatística, Anuário Estatístico do Brasil, ano II, 1936, p. 43, in. Maria Luisa Santos Ribeiro, História da Educação Brasileira: a organização escolar. SP: Ed. Cortez, p.74.

Um outro aspecto a discutir remete às relações entre a educação e a sociedade no final do século XIX, manifestadas na imprensa. A aristocracia rural usufruía os serviços prestados pelos professores deste período histórico. Isto porque somente os filhos e senhoras dos grandes proprietários é que tinham acesso à educação. A mulher era preparada desde a sua infância a ser apenas para as tarefas domésticas. Note-se, no exemplo que a educação feminina diferenciava-se da masculina devido à limitação de escolaridade e acréscimo de noções de bordado, pintura e prendas domésticas:

(04)

COLLEGIO DE MENINAS|| 26- Rua Formosa -26|| Acham-se em São João do Rio Claro duas senhoras portuguezas que recebem meninas internas e externas, por preços bem accomodados. Estas senhoras ensinam a fazer meia, costurar, bordar a branco e a cores, a ouro e a cabello, fazer flores, talhar, fazer chapéos para senhoras, crochet, marcar de todas as maneiras etc. Tambem ensinam instrucção primaria e francez; e finalmente tudo o que faz parte da instrucção de uma menina bem educada. |Dona Ignez de Castro e Vasconcellos Estella e filha.

Gazeta de Campinas, 14 de junho de 1870

Em relação à escolaridade masculina podemos dizer que o ensino de outras línguas, como o Latim e o Francês fazia parte da formação cultural dos rapazes no final do século XIX. Com isso, a titulação do professor era fundamental para que se valorizassem ainda mais as aulas a serem ministradas. No exemplo anterior, que se refere à educação feminina, as professoras são citadas como “duas senhoras portuguesas”, no início do classificado e seus nomes colocados no final do mesmo: “Dona Ignez de Castro e Vasconcellos Estella e filha”. Mas, no exemplo 05, a seguir, a titulação do professor é escrita em destaque “illustríssimo senhor doutor”, deixando clara a importância do título para a sociedade e para os alunos do período. Um outro termo destacado neste mesmo classificado é “senhores”, subtendendo-se apenas que os homens participariam das aulas. Nota-se também, com relação aos exemplos 04 e 05 que a colocação de preços aparece no classificado de escolaridade masculina e não no de escolaridade feminina. Supõe-se que o locutor ao elaborar o classificado 04 pretendia negociar com o pai das meninas, enquanto no classificado 05 negociaria diretamente com o interessado.

(05)

No externato, sito á rua da Matriz Nova, número 43, abrir-se há uma aula de Latim e outra de Francez no dia 1º de Agosto proximo futuro. A aula de Latim será regida pelo illustríssimo senhor doutor Antonio Benecedito de Cerqueira Cezar, cuja aptidão, para o magisterio, já é muito conhecida; e a de Francez, onde sómente se ensinará grammatica e traducção, pelo diretor abaixo assignado. Os senhores que quizerem inscrever-se como alumnos podem, desde já, dirigir-se ao mesmo director. Preço das pensões: Latim 10\$000 mensaes Francez 6\$000 mensaes! Malachias Ghirlanda
Gazeta de Campinas, 23 de julho de 1870

É nesse processo real da vida dos homens que os classificados emergem, originando-se dos anúncios de serviços educacionais, entre outros. Como cada gênero discursivo remete a atividades sociais, eles documentam a sociedade do período histórico. Verificar as implicações sociais articuladas aos aspectos teórico-metodológicos aqui apresentados constitui-se em um grande desafio para o pesquisador da área de História da Educação que, no trato com as fontes de estudo, não a conceba como um fim em si mesmo, mas sim a verifique com preceitos dialéticos que permitam verificar o movimento histórico do período em estudo.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. “Os gêneros do discurso “ in *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- ENGELS, F. *A Dialética da Natureza*. São Paulo: Paz e Terra, 1972.
- FIORIN, José Luiz. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.
- MARX, K., ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Ed.Moraes, 1984.
- ORLANDI, Eni L. P. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. *Discurso e Leitura*. Campinas: Pontes, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. *Os Gêneros do Discurso*. (tradução Elisa Angotti Kossovitch). São Paulo: Martins Fontes, 1980.